



APRESENTAÇÃO / *PRESENTATION*

É com um imenso júbilo que a FASBAM apresenta o vol. 4, nº 8, de *Basilíade – Revista de Filosofia*, correspondente ao período julho-dezembro de 2022 e cujo dossiê se intitula: Razão, Ciência e Fé. Essa problemática, que teve seus inícios já no segundo século da nossa era, continua a desafiar a cultura ocidental cristã, sobretudo quando se considera o desenvolvimento que tiveram as ciências a partir do século XVII e a tecnologia ao longo dos séculos XX e XXI. No período apologético – caracterizado pelos apologetas gregos do II século e pelos apologetas latinos dos III–IV séculos – a questão girava, principalmente, em torno das relações entre a “sabedoria cristã” e a chamada “sabedoria pagã”. Como então transmitir a doutrina cristã, oriunda do tronco judaico e baseada no monoteísmo, na revelação, na palavra, na voz e na categoria de povo, à civilização greco-latina, cujas características essenciais eram o politeísmo, a organização político-jurídica, a tensa dualidade entre o corpo e a alma, a matéria e o espírito e, no tocante à epistemologia, a razão e a visão como meios privilegiados de apreender a realidade?

No século XI se verifica uma reviravolta a partir de Anselmo de Aosta ou de Cantuária (1033–1109) que, na esteira do neoplatonismo agostiniano, viu na razão um ponto de partida para individuar um método incontestável capaz de elucidar os dados da fé mesmo para os não cristãos. No século XII, com Pedro Abelardo (1079–1142), assiste-se à aplicação da análise lógica ao dado revelado e à elevação da teologia ao *status* de ciência, vale dizer: uma exposição racional e sistemática do conjunto das doutrinas da fé cristã. Tudo isto irá desenvolver-se, ampliar-se e aprofundar-se no século XIII com a fundação da Universidade de Paris e as controvérsias – entre a ala agostiniana e a ala aristotélico-averroísta – em torno das relações entre razão e revelação, ciência e fé. Todos esses debates e embates culminarão com as condenações do aristotelismo e do averroísmo pelo bispo de Paris, Étienne Tempier, ocorridas em 1270 e 1277. Os tempos modernos e a contemporaneidade serão marcados – notadamente a partir das filosofias de Descartes, Locke, Hume, Kant, Feuerbach e Nietzsche – por uma reavaliação da religião em geral e da teologia em particular.

Levando-se, pois, em consideração as vicissitudes pelas quais passou o pensamento cristão no Ocidente, os autores e as autoras que contribuíram para a realização deste dossiê exploraram, a partir de suas próprias perspectivas, as questões que pontilharam as relações entre a razão, a ciência e a fé.

Manfredo Araújo de Oliveira é o autor do primeiro artigo, intitulado: *Razão e fé no contexto do mundo contemporâneo*. Neste estudo, o autor sustenta que, na cultura moderna, a visão da realidade em seu todo é reestruturada em suas raízes na base do novo quadro teórico do conhecimento, a ciência moderna e sua técnica. A mudança radical na estruturação das ciências modernas configura, segundo ele, um novo paradigma com o que a fé e suas teologias não costumavam dialogar. Portanto, a questão da fé e da razão se situa hoje num cenário profundamente diferente daquele que caracterizou os grandes debates do início da modernidade.

O segundo artigo, de Ramon Bolivar Cavalcanti Germano, se intitula: *Ciência, religião e vida: Uma crítica ao objetivismo científico e ao subjetivismo religioso*. Como o título já o indica, o autor tece neste estudo uma crítica à perspectiva objetivista da ciência, bem como à visão subjetivista da religião. Segundo ele, o objetivismo pode ser compreendido como a contradição da objetividade consigo mesma, ao passo que o subjetivismo pode ser entendido como a contradição da subjetividade consigo mesma. Valendo-se de algumas intuições de Feuerbach, o autor mostra que, sem o amor, a fé religiosa entra em contradição com a eticidade, com a “realidade *subjetiva* do gênero” e com a essência intersubjetiva, que é o núcleo de toda individualidade.

Com o terceiro artigo, da autoria de Ana Rachel G. C. de Vasconcelos e de Maria Simone Marinho Nogueira, nós nos transportamos para o século XII. O artigo tem como título: *Ciência e fé em Hildegard von Bingen* e visa analisar o pensamento desta monja beneditina que viveu no século XII e deixou diversos escritos. Em suas obras médico-científicas e visionárias, é possível tanto identificar as suas principais influências intelectuais como compreender a sua visão sobre o homem e o universo. Neste século XII, a filosofia começava a ter contornos próprios e se destacava da teologia ao investigar questões concernentes à fé. Hildegard, mesmo conhecendo e sendo influenciada por pensadores importantes e valorizando o papel do conhecimento para a prática da religião, exprime o pensamento tipicamente monástico de desconfiança ante a valorização da dialética. Assim, ela tece críticas à postura dos filósofos escolásticos e enfatiza, em oposição a eles, a humildade e a proeminência da fé.

O quarto artigo tem como título: *Da diferença entre ser criado e ter início no tempo: Uma introdução*. O seu autor é Napoleão Schoeller de Azevedo Júnior, que examina a seguinte questão: Tomás de Aquino pretende demonstrar que todo ente, diferente de Deus, é criado por Deus. Porém, não aceita que seja possível demonstrar que o mundo possui um início. Portanto, mesmo tendo sido criado, o mundo pode existir desde sempre. Ao desenvolver suas reflexões, o autor sustenta que são distintas as séries ordenadas de causas eficientes (*per se* e *per accidens*); ele argumenta também que as criaturas existem por participação e, por fim, elucida algumas diferenças entre criar e gerar.

O quinto artigo, da autoria de Noeli Dutra Rossatto, se intitula: *Razão e fé na escolástica: O problema da infidelidade indígena*. O autor discute a questão da infidelidade na escolástica medieval e sua retomada pela escolástica colonial. O ponto de partida é a questão da relação entre fé e razão na escolástica de Tomás de Aquino, que defende a fé católica frente às demais crenças, como o judaísmo e o islamismo, e as próprias variantes interpretativas do cristianismo, como os cátaros e o averroísmo. O coroamento desta perspectiva interpretativa é a subordinação da razão à fé. Donde a conclusão inusitada: infiéis são aqueles que professam outra fé que não a católica. A partir daí, o autor faz um breve inventário da atribuição de infidelidade aos indígenas pelo missionário jesuíta Antônio Ruiz de Montoya, no século XVII. Esta infidelidade estaria especialmente vinculada ao abandono de dois sacramentos: o batismo, no lugar do qual persistiam as antigas práticas da idolatria e da antropofagia; e o matrimônio monogâmico, sem o qual se voltava à poliginia.

O sexto artigo, de Paulo Martines, tem como título: *A inteligência da fé segundo Anselmo de Cantuária*. O autor se propõe mostrar a convergência de fé e razão no pensamento de Anselmo de Cantuária, explicitada em termos de uma inteligência da fé, como o esforço humano para entender, ainda que parcialmente, aquilo que a fé diz a respeito de Deus. Nesta perspectiva, espiritualidade e filosofia não se separam no pensamento de Anselmo, de modo que a fé é aquela atitude que abre as portas de um saber teológico que se desenvolve no plano da razão. Como monge beneditino, Anselmo reconhece e vive plenamente o retorno para si mesmo entendido como introspecção: recolher-se para silenciosamente buscar a Deus. O *Proslogion* (1078) apresenta-se como uma meditação sobre o ser de Deus, cujo itinerário reflexivo busca “razões” daquilo que inicialmente é acolhido pela “fé”.

O sétimo artigo é da autoria de Rafael Koerig Gessinger e se intitula: *A aspiração natural do ser humano ao conhecimento e a virtude da humildade em Tomás de Aquino*.

O autor tem como objetivo investigar a possível conexão, no pensamento de Tomás de Aquino, entre a aspiração humana ao conhecimento e a virtude da humildade. O seu estudo consiste em três elementos principais: 01) uma análise da maneira como Tomás de Aquino recepciona e desenvolve o princípio aristotélico de que todo ser humano aspira naturalmente ao conhecimento através da abertura da alma humana aos transcendentais e a Deus como seu fim último; 02) um exame do quadro de instâncias cognitivas com destaque para as relações entre acreditar e conhecer; 03) uma reflexão sobre o tratado da temperança na *Suma de teologia* com foco na virtude da humildade como “limpa-trilhos” tanto para a fé como para a ciência.

O oitavo e último artigo tem como título: *Ama e faz o que quiseres*: Anotações sobre a ética agostiniana. A sua autora é Sílvia Maria de Contaldo e ela se propõe desenvolver uma reflexão em torno do princípio ético agostiniano: “Ama e faz o que quiseres”. Ela visa também analisar as correlações deste princípio com a ética em geral, que é o reino das ações humanas. A exortação de Agostinho, que se encontra no seu *Comentário à Primeira Carta de João* (VII,8), pode então servir como ponto de partida para se aprofundarem o conhecimento e o debate sobre os valores éticos que estão em jogo no mundo contemporâneo.

Rematam este dossiê três resenhas:

A primeira resenha tem como autoras Júlia Cabral Rinaldi e Andreza Barbosa, que fizeram a apreciação da obra: JACOMINI, Márcia A. *Antonio Gramsci e a pesquisa educacional*. São Paulo: Alameda, 2022.

A segunda resenha é da autoria de Sérgio Nunes de Jesus e Celso Ferrarezi Junior, que escreveram sobre a obra: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: Uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 14. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009/2021.

A autora da terceira resenha é Luana Aparecida de Oliveira, que discorreu sobre a obra: SEMERARO, GIOVANNI. *Intelectuais, educação e escola: Um estudo do caderno 12 de Antonio Gramsci*. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

O nosso muito obrigado aos autores e às autoras que colaboraram com este dossiê e aos nossos leitores e às nossas leitoras desejamos uma profícua e agradável leitura.

Rogério Miranda de Almeida
Editor Adjunto e organizador do presente dossiê